

## O PSICANALITICAMENTE CORRETO E O QUE É DITO ‘POLITICAMENTE INCORRETO’

*Juçara Rocha Soares Mapurunga  
Henrique Figueiredo Carneiro*

A expressão “politicamente correto” refere-se a uma política que consiste em tornar a linguagem neutra em termos de discriminação e evitar que possa ser ofensiva para certas pessoas ou grupos sociais. Como a linguagem é a matéria prima da Psicanálise, com sua regra fundamental a associação livre criada por Freud e prosseguida com Lacan através do seu conceito psicanalítico: o inconsciente estruturado como uma linguagem, pensamos que seria interessante fazer um recorte nos efeitos do politicamente correto no laço social, investigando a crença de que uma linguagem culturalmente correta e socialmente aceita poderia diminuir a violência e contribuir para a consecução dos direitos humanos, através da abordagem psicanalítica da linguagem, que trabalha as representações de afeto, antes de tudo numa linguagem livre associativa e faltosa. A falta é constitutiva do homem, e é a partir da falta que desejamos. A linguagem não preenche a falta, a linguagem com seu simbolismo possibilita novos caminhos para se lidar com a falta. Ao lado disso, a violência, o ódio é um traço marcante de nossa contemporaneidade. Está em todas as mídias, em todas as conversas, em muitos atos do cotidiano. Valendo-se da importância da agressividade na constituição da subjetividade, Lacan constrói articulações entre agressividade e identificação demonstrando termos ao mesmo tempo a necessidade de manter o outro e também de anulá-lo. Freud (1930/1976) em *O mal-estar na cultura*, alerta sobre o ideal narcísico que rege a civilização e a agressividade pertinente a este. Assim sentimentos vistos como opostos, amor e ódio coexistem, rivalizam-se e nos instigam a indagar se o uso de uma fala limpa e dita correta pode impedir o ódio de revelar-se nos laços sociais. O politicamente correto opera através de uma linguagem limpa de preconceitos, enquanto a psicanálise opera em seu dispositivo analítico através de uma linguagem que erra. É a palavra trocada, a palavra certa para a psicanálise. Assim, sabemos em

psicanálise do grande problema enfrentado pelo humano: o ódio, traduzido na forma de um gozo nocivo e maligno do próximo. Assim, mesmo sendo politicamente incorreto, para onde vai esse ódio?

Desde Freud, sabemos em psicanálise que um grande problema enfrentado pelo amor é o ódio, traduzido na forma de um gozo nocivo e maligno do próximo. Para Lacan (1972-1973/1999), no Seminário 20, *Mais, ainda*, o ódio, a maldade, é o que cai mal quando se quer o bem do outro e as coisas dão infalivelmente errado, o outro não querendo saber de meu ser sabendo seu bem.

No acesso ao ser bom com o outro reside a ponta extrema do amor, e o amor desemboca no ódio. Vivemos em uma era em que é visto como violência contra o outro qualquer fala ou ato que não seja considerado politicamente correto, devendo portanto ser evitado o que conote ódio, discriminação ou preconceito, como forma de se promover a harmonia social. Sabemos, também, desde Freud, e agora mais ainda com Lacan, da importância da agressividade na constituição da subjetividade. Ao construir articulações entre agressividade e identificação, Lacan demonstrou que, na identificação tem-se ao mesmo tempo a necessidade de manter o outro e também de anulá-lo, remetendo-se assim, à discussão iniciada por Freud (1930/1976) em *O mal-estar na cultura* sobre o ideal narcísico que rege a civilização e a agressividade pertinente a este.

A violência é um traço marcante de nossa contemporaneidade. Um ato para ser considerado violento precisa ser cometido com muita intensidade, com grande força, com brutalidade, sendo frequentemente ação destrutiva, ou uma ação de intimidar alguém moralmente.

A violência é entendida como o emprego desejado da agressividade quando atos ditos violentos são usados com fins destrutivos.

Vivemos sob o domínio do imperativo categórico que nos conclama a consumir e gozar a qualquer preço. Nesse império da tecno-ciência, como nos diz Carneiro (2007)

em *Que Narciso é esse?*, resta-nos somente um imperativo: “Consome e consome-te!”. Em uma época de domínio de um outro gozador, não há possibilidade de amarração entre o eu ideal e o ideal do eu, nos alertando Carneiro de que o Ideal chega como um puro mandato, não mediado pela castração, e assim tornando-se mandato maligno, ou pura voz do supereu que atua para aniquilar o sujeito do inconsciente.

Dentro desse referencial, em que observamos que não mais vigora o recalque do sexual, de onde viria então o recalque formador do inconsciente? Não poderia ser da agressividade e violência recalçadas nas novas palavras para designar as mesmas coisas, mas com assepsia da correção política ?

Poderia a mudança de termos, através da linguagem politicamente correta contribuir para a diminuição da violência contemporânea?

O que a linguagem politicamente correta faz é acobertamento ideológico pelo discurso, camuflando o problema em lugar de resolvê-lo, afirma o lingüista Aldo Bizzochi : “ ao darmos nomes bonitos a coisas feias, elas nos parecerão menos feias. Assim, "recessão" passa a "crescimento econômico negativo", "morte" vira "cessação das atividades vitais" e "morrer" é "ir a óbito". "Favela" se torna "comunidade carente" e "pobreza", "exclusão social", por exemplo.” (2008, versão eletrônica).

Poderia o politicamente correto, atuar como um recalque da violência, fazendo com que esta retornasse com mais virulência pois a fala é o que daria conta do nosso ódio? Proibidos de falar, ficaríamos ainda mais próximos do ódio, pois falar supõe um vazio, um distanciamento do objeto. Falar supõe um recuo, implica não mais estar ligado às coisas, podemos nos distanciar delas, não estar mais no imediato, na urgência. Para Lebrun (2008) falar exige uma renúncia, um desiderato, falar obriga a um desvio forçado, à perda do imediato: “Falar nos faz perder a adequação ao mundo, nos torna sempre inadaptados, inadequados; assim, podemos nos felicitar por aquilo que a linguagem nos permite, mas podemos nos lamentar por aquilo que a linguagem nos fez

perder” (p. 16).

Essa perda que a linguagem nos faz ter é o que nos dá acesso ao desejo. A linguagem não é apenas ferramenta como nos faz crer a cartilha do politicamente correto elaborada pelo Governo Federal em 2004 como forma de banir nomes e expressões em troca de termos considerados corretos e não ofensivos ao outro, mas é o que subverte a biologia do humano e faz depender nosso desejo da língua.

Essa perda, dito de outra forma é o que Lacan (1956-1957/2004) em seu seminário *A relação de objeto* afirma ser a perda do objeto primordial, um objeto perdido para sempre, que o homem leva toda sua vida querendo reencontrá-lo, e que não é um objeto real. A falta é constitutiva do homem, É a partir da falta que desejamos. A linguagem não preenche a falta, a linguagem com seu simbolismo constrói novos caminhos para se lidar com a falta.

A partir da descoberta freudiana de que é preciso o recalque do sexual para a fundação da civilização ou cultura, Lacan (1956-1957/2004)) avança ao perceber que o recalque produzido na dimensão do sexual não diz respeito só a alguma forma de satisfação libidinal irrestrita, impossibilitada por obrigações de convívio social. Trata-se do recalque da negatividade constitutiva de toda manifestação do desejo.

Então ao se promover o uso da lógica do politicamente correto, quais os efeitos para as relações sociais construídas em cima de subjetividades educadas para negar a negatividade do desejo, em nome da tolerância e negação das diferenças, para promover a igualdade dos direitos humanos à despeito das singularidades do desejo de cada um?

Kristeva (2010), observa que: “Pensados a partir da análise, os direitos humanos compreendem não o direito de calcular a vida, mas o direito ao inconsciente ouvido, e ouvido até em suas dimensões mortíferas” (p. 82).

Para a Psicanálise a violência fundamental do ser humano é desencadeada no momento paradoxal do encontro e desencontro de seres buscando realizar-se,

complementar-se, subjetivar-se, e assim fazendo uma hominização e garantindo sua participação na ordem do social. A agressividade surge nas identificações imaginárias, oriundas das reproduções de vivências narcísicas onipotentes. Momentos violentos, pois levam ao confronto com o furo da incompletude, com o sujeito barrado pelos significantes da ordem da linguagem.

Na busca de escapar à esse confronto, violento para o sujeito, fica-se exposto a um desamparo insuportável, que o leva a querer destruir e aniquilar o outro como forma de aliviar sua tensão pulsional e afirmar sua singularidade.

Nunca se falou tanto em direitos (humanos, civis, dos animais etc.) quanto hoje. O conceito de direitos humanos e civis remonta aos filósofos iluministas e à Revolução Francesa, mas foi retomado com força após a Segunda Guerra e o Holocausto, em 1948, ano em que a ONU lançou a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Um dos corolários da ideologia do respeito aos direitos humanos foi a decisão de instituir uma linguagem eticamente adequada.

Zizek (2004) em seu texto *La dominación, hoy: Del amo a la universidad*, acredita que em nossa sociedade liberal permissiva, os direitos humanos são em última instância, em sua forma mais profunda, simplesmente o direito de violar ao dez mandamentos bíblicos, pois o direito individualista de buscar a própria felicidade a qualquer preço, faz o sujeito apagar o outro e paradoxalmente viola os direitos humanos. Por trás do discurso universitário, onde se privilegia o saber universal, há sempre uma verdade não dita, que não se pode dizer, em uma ordem eugênica das coisas. O discurso do universitário é um dos quatro discursos que Lacan utiliza para compreender os laços, ou as relações sociais. Para Zizek, o que ocorre na sociedade atual é uma declinação do significante mestre e uma assunção das fantasias do gozo. O significante mestre é

aquele que inaugura a cadeia simbólica de significantes. Então percebemos que como as coisas são ditas é um fato de enunciação ainda mais importante do que o que é enunciado. Na lógica da política do correto o fator principal é o enunciado. Assim o ódio pode estar camuflado por trás de belas palavras ao se tentar fazer o bem.

O psicanaliticamente correto é aquilo que é regido pela ética do desejo. E sempre instaura a pergunta em referência ao desejo do Outro, mesmo em uma linguagem politicamente correta, sobre, como alerta Julien (2010), “ você me diz isso, mas o que você quer quando me diz isso? Pergunta fundadora: Pergunto-me o que você deseja quando me diz isso: eu não sei.” (p. 57)

A linguagem tropeça e é nisso, nesse esvaziar pela palavra, que podemos dizer algo do desejo, e isso, geralmente é um movimento politicamente incorreto, sem ferir os direitos do Outro.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

BIZZOCCHI, A. É correto ser politicamente correto? In: **Revista Língua Portuguesa**, ano 3, No.30, abril de 2008. Versão eletrônica Disponível em: <http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo67.asp>.

CARNEIRO, H.F. **Que Narciso é esse ?**. Fortaleza, 2007.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930) In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JULIEN, P. **A Psicanálise e o Religioso**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

KRISTEVA, J. **No princípio era o amor. Psicanálise e Fé**. Campinas: Verus, 2010.

LACAN, J. **A relação de objeto** (1956-1957). O seminário, livro 4. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_ **A ética da psicanálise** (1959-1960). O seminário, livro 7. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_ **Mais, ainda** (1972-1973). O seminário, livro 20. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LEBRUN, J.P. **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.

ZIZEK, S. *Violencia em acto*. Buenos Aires: Paidós, 2004.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Juçara Rocha Soares Mapurunga.** Psicóloga (UFC). Psicanalista. Mestre e Doutoranda em Psicologia pela UNIFOR (Universidade de Fortaleza). Bolsista pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico-FUNCAP. Membro do LABIO (Laboratório sobre as novas formas de inscrição do objeto), e da CLIO – Associação Psicanalítica. HYPERLINK "mailto:jucara@mapurunga.adv.br"[jucara@mapurunga.adv.br](mailto:jucara@mapurunga.adv.br)

**Henrique Figueiredo Carneiro.** Doutor em fundamentos y desarrollos psicoanalíticos (UPCO-Madrid). Professor Titular e coordenador do Mestrado e Doutorado em Psicologia da UNIFOR. Coordenador do LABIO (Laboratório sobre as novas formas de inscrição do objeto), e da CLIO – Associação Psicanalítica. Membro do GT Psicopatologia e Psicanálise da ANPEPP. Pesquisador da AUPPF. Post-Doc Sênior – Sorbonne-ParisV HYPERLINK "mailto:henrique@unifor.br"[henrique@unifor.br](mailto:henrique@unifor.br)

